

**GT – Jogos Teatrais/Viola Spolin – PE: da semente à floresta – um solo fértil para peripécias pedagógicas**

**Kalyna de Paula Aguiar**

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Palavras-chave: formação, teatro, ensino

Dentre as várias abordagens metodológicas para o teatro-educação desenvolvidas na disciplina *Metodologia do Ensino do Teatro*, uma era cenário preocupante: O sistema de Jogos Teatrais desenvolvido por Viola Spolin (1906-1994), que provocou entre os alunos do curso de Licenciatura em Educação Artística – Habilitação Artes Cênicas (UFPE) inquietações, como a constatação da utilização do método por parte dos professores em formação, sem a compreensão de suas bases teórico-metodológicas.

Havia preocupação por parte de todos em demonstrar que os jogos teatrais, pensados no ambiente da sala de aula, não são meros passatempos, e sim, levam à produção de conhecimento, portanto, a prática pedagógica desse professor seria primordial. Porém, as limitações tempo-espço da disciplina, não permitiam sanar as inquietações. Os impactos provocados por tal iniciativa levaram-nos a sugerir a continuidade desses experimentos para além da sala de aula. Decidimos propor experimentos pautados em jogos teatrais. Queríamos saber como os jogos teatrais estavam sendo desenvolvidos em nossas salas de aula.

Tínhamos um caminho intencional para um objetivo ainda oculto. Na sabedoria do incerto estava o encontro com o desconhecido, campo sempre aberto à criação de novas manifestações. Descobríamos um solo fértil. Abraçamos a idéia e partimos para o processo de formalização de um Grupo de Trabalho junto à Instituição.

Convencidos da importância dos jogos teatrais como recurso pedagógico, professora e futuros professores (as) de teatro, criaram em 2006, o *GT – Jogos Teatrais/Viola Spolin - PE*. Pertencente à Linha de Pesquisa *Teatro & Educação* que integra o Grupo de Pesquisa *Estudos e Pesquisas em Artes Cênicas* do Laboratório de Artes Cênicas, o *GT – Jogos Teatrais/Viola Spolin – PE* trabalha numa perspectiva de fortalecimento do ensino da linguagem teatral voltado à formação inicial do professor (a) de teatro. Nesse sentido, propusemos o estudo das bases teóricas sistematizadas por Viola Spolin nas instâncias de ensino, pesquisa e extensão. A decisão de trabalharmos com as obras de Viola Spolin e em especial, *Jogos Teatrais: O Fichário de Viola Spolin (2006)* e *Jogos Teatrais na sala de aula: o livro do professor (2007)* possibilitou um espaço de ensino-aprendizagem. A junção dos dois livros se justifica por ambos constituírem-se sistemas pedagógicos essenciais à formação do professor (a) de teatro que deseja trabalhar com jogos teatrais.

Isto nos conferiu o pioneirismo da atividade em nosso Estado, marcando a construção do conhecimento sobre a linguagem teatral, através de possibilidades didáticas, que vão da experimentação cênica à análise crítica e sua aplicação na Escola Pública. Nesta comunicação,

apresentamos a estrutura do grupo e as primeiras impressões sobre as ações desenvolvidas nos dois primeiros anos de sua existência, de 2006 a 2008.

Nesse período, programamos como prioridade o desenvolvimento de situações didáticas através do estudo e de experimentos com jogos teatrais. Das ações previstas nos âmbitos do ensino e da pesquisa estão as oficinas de jogos teatrais; as situações didáticas com jogos teatrais, produzidas na disciplina *Metodologia do Ensino do Teatro* e o grupo de estudo. Já no âmbito da extensão está a aplicação de jogos teatrais em uma Escola Pública Municipal circunvizinha ao Campus Universitário. Priorizamos, também, a criação de um banco de dados, onde foram catalogadas e registradas as ações e suas respectivas etapas. Registro em fotografia, meio audiovisual e produções escritas de todo o processo.

Inicialmente, o GT foi constituído apenas por licenciandos de teatro que se reuniam semanalmente para as atividades práticas e teóricas com os jogos teatrais. Com o desenvolvimento dos trabalhos, a repercussão dos mesmos e o interesse de outros profissionais de áreas afins, passamos à composição de uma equipe multidisciplinar. Apostamos na formação de um grupo com características diversas e efetiva interação entre os campos do saber.

O interesse pelo conteúdo abordado, a forma como desenvolvemos e avaliamos o nosso processo pedagógico, e, o acolhimento por parte da escola parceira foram pontos agregadores do nosso trabalho e que têm possibilitado excelentes resultados no desenvolvimento profissional e crescimento pessoal dos envolvidos.

Um outro aspecto singular ao nosso grupo, diz respeito à flexibilidade em relação aos dias e horários dos trabalhos. A cada semestre, mudam-se os dias e horários dos encontros, a fim de oportunizar que outros participem, algo positivo, pois além de possibilitar um trabalho interdisciplinar com outras áreas e saberes, tem nos oportunizado mensurar o nível de interesse dos participantes, visto que constituímos ao longo desses dois anos uma equipe permanente.

No tocante à **Oficina de Jogos Teatrais**, o nosso espaço de experimentação tem garantido aos participantes dois encontros semanais de três horas cada. Utilizamos o Fichário que, num primeiro momento, experimentamos e avaliamos pedagogicamente todas as fichas, tal como recomendado pela autora. Partimos do pressuposto de que só deveríamos aplicar um jogo que tivéssemos vivenciado antes. Essa ação nos deu a base para a compreensão plena dos jogos. No entanto, compartilhamos com (SPOLIN, 2001: 69), quando defende que:

“A seqüência de jogos conforme está descrita nas fichas (A1 até C54) podem ser utilizadas como estrutura de uma série completa e coesa de oficinas de jogos teatrais. Mas o Fichário também foi destinado a ser flexível – os jogos podem ser seqüenciados de forma variada para ir ao encontro de necessidades instrucionais específicas”.

Neste caso, a apreensão da totalidade foi a condição *sine qua non* para uma aplicação consciente e conseqüente dos mesmos.

Refletimos sobre a utilização do jogo em sala de aula e suas possíveis adequações às necessidades dos sujeitos envolvidos, culminando em um processo de elaboração de alternativas metodológicas. Sintonizamos com (DESGRANGES, 2006: 110), quando se refere ao sistema de jogos teatrais como:

“Um sistema de atuação calcado em jogos de improvisação, com o intuito de estimular o participante a construir um conhecimento próprio acerca da linguagem teatral, através de um método em que o indivíduo, junto com o grupo, aprende a partir da experimentação cênica e da análise crítica do que foi realizado. Os participantes do processo, assim, elaboram coletivamente conceitos acerca das suas atuações e da sua compreensão da linguagem teatral.”

Essa etapa, de suma importância, nos oportunizou a construção das bases pedagógicas para o trabalho de aplicação de jogos teatrais junto à escola parceira, além de nos fornecer o suporte teórico-metodológico dos experimentos com jogos teatrais desenvolvidos na disciplina *Metodologia do Ensino do Teatro*, muitas vezes dialogando com outros saberes:

Considerando que uma de nossas inquietações girou em torno do uso inadequado de jogos teatrais por parte de alguns profissionais, restringindo-se apenas à aplicação de técnicas, criamos o **Grupo de Estudo**, espaço de reflexão que somava com a etapa anterior um momento de interação entre o fazer e o pensar o Método de Viola Spolin, cuja articulação com as categorias empíricas apresentadas no tempo-espaço de ação dos envolvidos possibilitou um campo de experiência desafiador para os integrantes do GT. Foi garantido um encontro semanal de três horas para o desenvolvimento dessa etapa. O trabalho constituiu-se na produção de seminários temáticos e de pesquisa, desenvolvido sob um sistema de rodízio.

Somando com as ações anteriores, propusemos **Aplicação de Jogos Teatrais** na Escola Municipal Magalhães Bastos. Trata-se de uma escola voltada para o Ensino Fundamental I, que atende cerca de 360 crianças entre 04 e 12 anos. Debruçamos-nos no estudo e na condução pedagógica presentes no livro *Jogos teatrais na sala de aula: o livro do professor (2007)*, que ativou nosso interesse em trabalharmos com crianças, pois deslumbramos a possibilidade de um campo de experiência que nos oportunizasse averiguar a nossa preocupação inicial: a de que os jogos teatrais pensados especificamente no ambiente da sala de aula, não são meros passatempos do currículo. As nossas escolas públicas, em sua grande maioria, não têm o teatro como uma atividade regular, nem enfatizam o jogo no processo de aprendizagem na infância e nesta escola não era diferente. Esse também, foi outro aspecto que nos motivou a escolha da mesma. A escola foi bastante receptiva com o grupo, e assim, procuramos aplicar às crianças, jogos teatrais duas vezes por semana, somando duas horas por encontro, em um total de quatro horas de trabalho semanais.

Chegamos abertos e fomos informados do alto nível de dispersão dos alunos. Sendo solicitados a trabalhar com essas crianças, priorizamos os jogos tradicionais e jogos básicos da seção A, por esses serem fortes canalizadores da ação espontânea e contribuir para a

comunicação e expressão criativas. Tínhamos cerca de 40 crianças, distribuídas em duas oficinas. Diagnosticamos as possibilidades de jogo a cada encontro, tornando o campo de experiência desafiador.

As primeiras impressões sobre as ações desenvolvidas pelo GT são as de que a sincronização, articulação, integração e o diálogo estão presentes, o que nos faz compará-las a sementes, que plantadas em solo fértil, espaço de formação do professor de teatro, constituem as nossas peripécias pedagógicas. Um processo que a cada dia vem nos provar a máxima de que: a cada semente plantada há sempre a promessa de uma floresta.

#### Bibliografia

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo**. São Paulo: Hucitec, 2006.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin**. São Paulo: Perspectiva, 2001.